

**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

**Avaliação, Políticas e Expansão
da Educação Brasileira 2**



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da
Educação Brasileira 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A945 Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 2 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-477-1

DOI 10.22533/at.ed.771191007

1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 379.981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A PERCEPÇÃO DOCENTE SOBRE O USO DE AULAS PRÁTICAS PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Magno Marcio de Lima Pontes Maria do Socorro da Silva Batista Francisca Adriana da Silva Bezerra Wilca Maria de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7711910071	
CAPÍTULO 2	12
A EDUCAÇÃO DO CAMPO: BREVES RELATOS DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO AMBIENTE RURAL	
Bruna Shirley Gobi Pradella	
DOI 10.22533/at.ed.7711910072	
CAPÍTULO 3	22
A ESCOLA AVANÇADA DE ENGENHARIA MECATRÔNICA COMO LABORATÓRIO DA GRADUAÇÃO	
Gustavo Alencar Bisinotto Rodrigo Pereira Abou Rejaili Victor Pacheco Bartholomeu Juliana Martins de Oliveira Caio Garcia Cancian Luis Felipe Gomes de Oliveira Diego Augusto Vieira Rodrigues Pietro Teruya Domingues Tito Martini de Carvalho Daniel Leme de Marchi Ruan Machado Coelho Rossato Thiago Yatoki Takabatake Guilherme Augusto Rodrigues Passos Arthur Alves Tasca Bruna Sayuri de Souza Suzuki Paolla Furquim Daud Victor Siqueira Chaim Diolino José dos Santos Filho Lucas Antonio Moscato	
DOI 10.22533/at.ed.7711910073	
CAPÍTULO 4	30
A IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE PRÁTICA NO ENSINO DE GEOCIÊNCIAS: UMA ABORDAGEM NO CURSO DE ENGENHARIA DE MINAS NA VISÃO DOS ESTUDANTES	
Hayanne Lara de Moura Cananéia Cibele Tunussi Lucas Alves Corrêa Carlos Henrique de Oliveira Severino Peters	
DOI 10.22533/at.ed.7711910074	
CAPÍTULO 5	38
A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: LETRAMENTO, CULTURA E PRAZER	
Fabiano Carneiro Alexandre Santiago	
DOI 10.22533/at.ed.7711910075	

CAPÍTULO 6	50
A PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA	
Bruna da Rosa Sedrez	
Júlio Leandro da Silva Pereira	
Rodrigo Jappe	
Tanier Botelho dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.7711910076	
CAPÍTULO 7	59
CADEIAS DE ATOS DOS DOCENTES DO DEPARTAMENTO DE DESENHO DA UFPR (1998-2008)	
Rossano Silva	
Adriana Vaz	
Francine Aidie Rossi	
DOI 10.22533/at.ed.7711910077	
CAPÍTULO 8	70
CANAL PÕE NO BÉQUER: DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NA ÁREA DA QUÍMICA	
Aline Machado Zancanaro	
Luiz Humberto Silva Malheiros	
Agnaldo de Paula Pereira	
Cândida Alíssia Brandl	
Cainã Strücker	
DOI 10.22533/at.ed.7711910078	
CAPÍTULO 9	74
CARACTERÍSTICAS DO PCK NO ENSINO UNIVERSITÁRIO DE TRANSFORMAÇÕES QUÍMICAS	
Marcia Teixeira Barroso	
Nedja Suely Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.7711910079	
CAPÍTULO 10	83
DESENVOLVIMENTO DE UM JOGO EDUCATIVO PARA O ESTUDO DE FÍSICA	
Mateus da Silveira Colissi	
Gabriel Rossi Zanini	
Ricardo Frohlich da Silva	
Anderson Ellwanger	
Guilherme Chagas Kurtz	
Iuri Marques	
DOI 10.22533/at.ed.77119100710	
CAPÍTULO 11	89
EDUCAMPO E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: RESSIGNIFICANDO EXPERIÊNCIAS	
Siméia Tussi Jacques	
Graziela Franceschet Farias	
Liane Teresinha Wendling Roos	
Bruna Lara Moreira Zottis	
DOI 10.22533/at.ed.77119100711	

CAPÍTULO 12	98
ENSINO E APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA SOB A PERSPECTIVA DA MODELAGEM MATEMÁTICA	
Patrícia Santana de Argôlo Márcia Jussara Hepp Rehfeldt Ítalo Gabriel Neide	
DOI 10.22533/at.ed.77119100712	
CAPÍTULO 13	109
ESTUDO COMPARADO DE DOCUMENTOS CURRICULARES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A REGIÃO CENTRO-OESTE EM FOCO	
Christiane Caetano Martins Fernandes Fabiany de Cássia Tavares Silva	
DOI 10.22533/at.ed.77119100713	
CAPÍTULO 14	119
IMAGEM E AÇÃO ADAPTADO PARA O ENSINO DE BIOLOGIA: UMA FORMA LÚDICA DE ENSINO	
Camila de Souza Cardoso Ana Paula Elias Borges Ana Elisa do Prado Boschim Regisnei Aparecido de Oliveira Silva Neydson Soares Santana	
DOI 10.22533/at.ed.77119100714	
CAPÍTULO 15	123
INGRESSO E EVASÃO NA MATEMÁTICA DA UFPR: UMA INVESTIGAÇÃO SOCIOLÓGICA INICIAL	
Gustavo Biscaia de Lacerda	
DOI 10.22533/at.ed.77119100715	
CAPÍTULO 16	139
INTERAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E SOCIEDADE: VIVENCIANDO A ENGENHARIA QUÍMICA COM ALUNOS DE ENSINO MÉDIO	
Henrique Larocca Carbonar Matheus Lopes Demito Elis Regina Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.77119100716	
CAPÍTULO 17	153
MULTIMODALIDADE REPRESENTACIONAL E O ENSINO DE FÍSICA	
Leonardo Batisteti Silva	
DOI 10.22533/at.ed.77119100717	
CAPÍTULO 18	163
O CINEMA E O DEBATE AMBIENTAL NO COLÉGIO TÉCNICO DA UFRRJ: DAS RODAS DE CONVERSA AO OCUPA-CTUR, UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR A PARTIR DA LEI 13.006/2014	
Wellington Augusto da Silva Adriana Maria Loureiro	
DOI 10.22533/at.ed.77119100718	

CAPÍTULO 19	173
O ENSINO DE ZOOLOGIA EM UMA ABORDAGEM INVESTIGATIVA	
Natália de Andrade Nunes Alessandra Dias Costa e Silva Juliane Cristina Ribeiro Borges de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.77119100719	
CAPÍTULO 20	181
PANORAMA DE UM ESTUDO SOBRE A FATORAÇÃO	
Míriam do Rocio Guadagnini Marlene Alves Dias Valdir Bezerra dos Santos Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.77119100720	
CAPÍTULO 21	188
PERCEPÇÕES, ATITUDES E PRÁTICAS ENTRE TRABALHADORES DE HOSPITAIS BRASILEIROS	
Leonardo de Lima Moura Claudio Fernando Mahler Viktor Labuto Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.77119100721	
CAPÍTULO 22	198
PESQUISA-ENSINO: A SISTEMATIZAÇÃO COLETIVA DO CONHECIMENTO COMO EIXO EPISTEMOLÓGICO NO ENSINO DE FÍSICA NO ENSINO MÉDIO	
Paulo Sérgio Maniesi Pura Lúcia Oliver Martins	
DOI 10.22533/at.ed.77119100722	
CAPÍTULO 23	206
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL E INTERDISCIPLINARIDADE NA UNIVERSIDADE: ESTUDO DE CASO SOBRE PET CIÊNCIAS RURAIS (UFSC/SC/BR)	
Zilma Isabel Peixer Andréia Nunes Sá Brito Estevan Felipe Pizarro Muñoz Luis Alejandro Lasso Gutierrez	
DOI 10.22533/at.ed.77119100723	
CAPÍTULO 24	217
PRÁTICAS DE INTEGRAÇÃO ENSINO, SERVIÇO E COMUNIDADE: EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS NO CURSO DE MEDICINA	
Vinícius Gonçalves de Souza Isabella Polyanna Silva e Souza Francisco Inácio de Assis Neto Nátaly Caroline Silva e Souza Edlaine Faria de Moura Villela	
DOI 10.22533/at.ed.77119100724	
CAPÍTULO 25	223
Q-MEMÓRIA: UM JOGO DA MEMÓRIA DIGITAL PARA O ESTUDO DE QUÍMICA NO ENSINO MÉDIO	
David Wesley Amado Duarte Igor William Pessoa da Silva Ana Karinne Feitosa Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.77119100725	

CAPÍTULO 26	231
REFLEXÕES E APONTAMENTOS DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL	
Ana Lydia Sant'Anna Perrone	
DOI 10.22533/at.ed.77119100726	
CAPÍTULO 27	238
METODOLOGIA DA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS EM MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Ederson Witt	
João Henrique Gelbcke	
DOI 10.22533/at.ed.77119100727	
CAPÍTULO 28	252
SHOW DA QUÍMICA: APRENDENDO QUÍMICA DE FORMA DIVERTIDA	
Juciely Moreti dos Reis	
Fabírcia Rilene de Sousa Silva	
Glauce Angélica Mazlom	
DOI 10.22533/at.ed.77119100728	
SOBRE O ORGANIZADOR	258

A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: LETRAMENTO, CULTURA E PRAZER

**Fabiano Carneiro
Alexandre Santiago**

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo principal versar sobre a importância do ensino de música como forma de letramento, ampliação cultural e prazer estético. Como metodologia da pesquisa para tal investigação nos utilizaremos da pesquisa bibliográfica. A música é uma linguagem que deve ser priorizada no contexto da educação infantil como aporte de ampliação cultural e fruição de uma forma estética musical. Desta forma podemos pensar que a universalidade da música e a forma como ela evoluiu durante todos estes anos, pode hoje e como fazia antigamente, ser instrumento de crescimento cultural. Há música em todos os lugares e produzimos sons de diversas formas e em vários ambientes. *Musicalizar* é tornar a *criança* sensível e receptiva aos sons, promovendo o contato com o mundo musical já existente dentro dela, fazendo com que ocorra uma apreciação afetiva. Com o olhar mais atento ao futuro é proporcionar além de uma apreciação, uma ansiedade criativa para construções e a busca dos sons que estão a sua volta.

PALAVRAS-CHAVE: Musicalização; Crianças; Cultura; Aprendizado; Contentamento

INTRODUÇÃO

É preciso disponibilizar tempo para refrear o que fazemos como rotina incessante da globalização, imposta a nós, todos os dias e tentar perceber a grande mudança diária, muitas vezes imperceptível. Música também é considerada por muitos como ciência e arte. Em outras palavras, música é a arte de combinar os sons. A partir deste pensamento tentamos deixar a criança com uma formação cultural relevante para a sociedade e para ela. Nosso papel de professor de educação infantil é fazer com que a cada dia a criança da educação infantil tenha interesse pela boa música, deixando de lado o que nos apresenta a mídia (cultura de massa); uma música de baixa qualidade, com baixas produções e jargões indelévels para essa faixa etária. Portanto, seguimos diariamente pesquisando no universo musical, ritmos, timbres, sonoridades, grupos, letras, jogos musicais e muito mais o que possa nos oferecer a música, para musicalizar no contexto da educação infantil.

O presente artigo tem como objetivo trazer uma discussão acerca da musicalização no contexto da educação infantil, como uma linguagem privilegiada que atrela cultura, estética e desenvolvimento de várias habilidades e competências.

Para concretizar tal pesquisa, nosso objeto de estudo está alinhado com a abordagem qualitativa de pesquisa e o tipo de pesquisa é a bibliográfica. De acordo com Minayo (2001):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (p.22)

Já a pesquisa bibliográfica de acordo com Pizzani (2012) é a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual pode ser realizada em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet entre outras fontes.

Há bem pouco tempo fala-se com mais propriedade sobre a musicalização, suas intercorrências, suas possibilidades, seus benefícios e aplicações. Sabemos que musicalização na educação infantil desenvolve o raciocínio e a concentração. Explorar som, ritmo, melodia, harmonia e movimento significam a descoberta e a vivência da riqueza de sons e expressões corporais que vem a partir de cada um, bem como a partir de objetos, não necessariamente os instrumentos musicais, mas que entram em consonância com a criança e o meio em que ela está inserida. *Musicalizar* é tornar a *criança* sensível e receptiva aos sons, promovendo o contato com o mundo musical já existente dentro dela, fazendo com que ocorra uma apreciação afetiva. Com o olhar mais atento ao futuro é proporcionar além de uma apreciação, uma ansiedade criativa para construções e a busca dos sons que estão a sua volta. A criança começa a ser sensibilizada musicalmente dentro da barriga da mãe, sua primeira casa. Lá ela encontra descanso e audições variáveis vinda do externo, o que facilita sua vida auditiva ao vir ao mundo.

Algumas vezes nos deparamos com barulhos, inquietação infantil e sons que tornam estressantes e causam irritabilidade fora do normal. Em tempos atrás o simples fato de estas coisas acontecerem eram motivo para ficarmos algumas poucas horas fazendo trabalhos caligráficos infandos. Não tínhamos a devida noção de que esse tipo de conduta poderia ser substituída pelo conceito de criação. Criação de uma obra, por exemplo. Uma pintura, um desenho, uma música.

Se outrora fosse percebido que musicalizar é bem mais que formar os educandos no aprendizado de um instrumento ou no conhecimento de um ritmo ou teorias musicais teríamos tido um ganho inestimável há alguns anos, pois o que se percebe é que musicalizar é deixar o ouvinte sensível e perceptível às produções artísticas por meio do som, corpo e mente.

Então pensando na musicalização, entraremos agora numa esfera mais acadêmica, apesar de serem poucos os estudos. Poucos são os teóricos aprofundados na musicalização infantil. O Cientista Howard Gardner (1943), americano da Pensilvânia, traçou um estudo que complementou os primeiros estudos de Alfred Binet (1900) e

que deu origem a Teoria das Inteligências Múltiplas.

Binet montou um modo teste que tinha por objetivo diagnosticar crianças com deficiência mental, separando-as das crianças “normais”. Após a Primeira Guerra Mundial todos os soldados submeteram-se ao mesmo teste e este se expandiu; pois pensou-se ser possível medir quantitativamente a inteligência. Contudo após a continuação destes testes e evoluindo nos estudos, Gardner nos diz:

“a inteligência é (...) a capacidade de responder a itens em testes de inteligência”.

Mostrando-nos com isso que todos somos dotados de inteligência, uma delas geral e as demais múltiplas. O que para ele deu origem as Inteligências Múltiplas. Em seu livro *Estruturas da Mente* (1983), Gardner descreve os tipos de inteligência estudados. São elas: Linguística, Musical, Lógica Matemática, Visual Espacial, Corporal Cinestésica, Interpessoal, Intrapessoal, Naturalista e Existencialista. Howard Gardner crê que todos nós temos tendências individuais (áreas de que gostamos e em que somos competentes) e que estas tendências podem ser englobadas numa das inteligências listadas acima. Esta afirmativa apenas nos dará base para falarmos do tema exposto, explicitando a musicalização como forma de ampliar a cultura das crianças em fase de alfabetização, dominadas pela cultura de massa.

Crianças nesta faixa etária, num mundo globalizado, culturalmente irrelevante em matéria musical, tendem a perder-se nas fantasias, consumismo exacerbado e pouca criatividade. A musicalização vem como ferramenta de descobertas para a criança mais ativa, curiosa e atenta.

Aquele que aprecia com mais interesse tende a aprender mais rápido. Este axioma nos leva à luta diária em sala de aula para que os alunos escutem melhor, com competência e consciência, isso os levará a diminuição dos problemas causados pela superpopulação de sons de ambiente, que provoca desatenção, estresse e fadiga.

“A intenção dessa escolha é mostrar a relevância de nos conscientizarmos a respeito do processo de escuta, encarando-o de vários pontos de vista: técnico e humano, sensível e simbólico, individual e coletivo.” (Marisa Trench para o livro de Murray_Schafer – *Educação Sonora - Melhoramentos* 2009).

O tema objeto deste estudo e a tarefa é sugerir que a partir de caminhos sonoros, sejam os jogos ou as canções, o aluno da educação infantil aumente seu vocabulário musical cultural e sua concentração. Trabalhando a música como uma linguagem na educação infantil.

Para tanto, desenvolvemos o artigo em três tópicos, o primeiro versará sobre os pressupostos da educação infantil e sua prática curricular. No segundo tópico discutiremos a linguagem da música e suas potencialidades no desenvolvimento da criança e no último tópico os resultados e discussões acerca do processo de musicalização no contexto da educação infantil.

EDUCAÇÃO INFANTIL; PRESSUPOSTOS CURRICULARES

Educar é primordial e necessário para que se realize o pleno desenvolvimento da criança. De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998):

“Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidado, brincadeiras e aprendizagem orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças aos conhecimentos mais amplos da realidade e cultural.” (p. 23)

Atualmente, o currículo assume diferentes perspectivas e significados, articulado com os processos socioculturais, as teorias da educação e o processo de ensino e de aprendizagem. As definições de currículo, portanto, incluem as experiências vividas pelos estudantes, professores, técnicos, gestores e famílias, os conteúdos a serem ensinados e aprendidos, as habilidades a serem desenvolvidas e a avaliação, que terminam por influir nos conteúdos e nos procedimentos selecionados no processo de escolarização e, assim, na formação das identidades dos sujeitos envolvidos.

A escola e o currículo produzem e reproduzem discursos e normas que se articulam com determinados significados e visões de mundo, constituindo identidades e subjetividades com base em perspectivas socioculturais mais amplas. Este fenômeno acontece de modo tenso e disputado, pois os diversos grupos que integram o espaço educativo e curricular não assistem passivos a esses acontecimentos; ao contrário, reagem, estabelecendo outras formas de ação, com recursos e estratégias diversos, na direção do estabelecimento de novas visões, saberes, valores e significados.

Assim a educação infantil tem a incumbência de constituir-se um lugar de educação e cuidado das crianças, desta forma torna-se imprescindível a construção de um currículo que contenham ações que buscam “assegurar” o desenvolvimento da criança em seus diversos aspectos (cognitivo, psicológicos, afetivo, físico, intelectual) incluindo o estético e que levam em consideração as especificidades e singularidades das crianças para o qual o mesmo foi elaborado.

Neste sentido, as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (DCNEI, 2009) em seu artigo 3º nos trazem que:

O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos. (p.18)

As DCNEIs apontam que o trabalho formativo na educação infantil deve atender a três princípios; éticos, estéticos e políticos e a base do trabalho pedagógico são as brincadeiras e as interações. Para a construção de um currículo “assertivo” que subsidie o trabalho pedagógico nas instituições de educação infantil se faz necessário pensar concepções de criança, infância, cultura, estética, do brincar e do cuidado. Conhecer quem é essa criança que será inserida neste cotidiano, a que família e

a cultura ela pertence, como aprende e se desenvolve são aspectos relevantes a serem considerados para elaboração de um planejamento e práticas educativas que realmente estejam preocupados com o desenvolvimento das crianças e respeitem suas particularidades. (Kishimoto, 2010).

O currículo neste contexto educacional deve “ouvir” e considerar as diversas “vozes” envolvidas no processo formativo das crianças. Um diálogo entre a família, profissionais, professores e as próprias crianças.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), em seu artigo 9º explicita que as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem possuir como eixos norteadores as brincadeiras e a interação. Segundo Fontana (1997) :

O ato de brincar deve ser reconhecido como uma forma do sujeito produzir cultura, além de ser uma ação que proporciona a construção da autonomia, criatividade, como também da descoberta do mundo que está em sua volta. Brincar é, sem dúvida, uma forma de aprender. Mas é muito mais do que isso. Brincar é experimentar-se, relacionar-se, imaginar-se, expressar-se, compreender-se, confrontar-se, negociar-se, transformar-se, ser. (p. 139)

Outra questão considerada nas práticas curriculares da educação infantil é a chamada intencionalidade pedagógica. Uma ação na qual se faz necessária uma reflexão contínua do educador em relação às suas tomadas de decisão no fazer docente.

De acordo com Barbosa (2009), uma das características que constitui a intencionalidade pedagógica como elemento relevante na organização do trabalho educacional cotidiano é o poder compreender e evidenciar os motivos pelos quais as atividades, materiais e brincadeiras são selecionados, seus modos de apresentação e realização, como também das formas de elaboração dos recursos e dos grupos para o trabalho. Deixar claro a intencionalidade educativa possibilita ao docente, no dia-a-dia, por meio do planejamento e registro de atividades dá oportunidades aos pequenos de aprender e se desenvolver nas suas múltiplas possibilidades. (p. 88)

Com o entendimento que a Educação Infantil se constitui como a primeira etapa da educação básica e que visa o desenvolvimento integral da criança de 0 a 5 anos de idade, as práticas pedagógicas adotadas pelos profissionais que trabalham com tal público, devem estar articuladas com um currículo que considera a criança como o centro e que leva em consideração suas especificidades. Um trabalho construído de forma coletiva por toda comunidade escolar, no qual estarão postas as concepções que a mesma considera importantes para a formação do sujeito inserido em uma sociedade.

MUSICALIZAÇÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Temos em nossa mente e no nosso dia a dia a percepção de que toda criança

em algum momento de sua vida, desperta para um “momento musical”; seja batendo painéis ou com brinquedos sonoros.

Segundo Celso Antunes, em seus estudos no livro *Jogos para a estimulação das múltiplas linguagens (1999) nos diz:*

“Poucas competências reveladas pelo ser humano são encontradas em “crianças-prodígio” com tanta frequência quanto o pendor musical, evidenciando, assim, um certo vínculo biológico com este tipo de inteligência” (p. 135)

Muito se fala do *aprender a ouvir*, esse ato de não conseguir se concentrar nas pequenas tarefas diárias de sala de aula, bem como em sua rotina caseira; tais como: chegar da escola, tomar banho, almoçar, descansar, estudar... pausa para a brincadeira e assim seguidamente durante todos os 365 dias de um ano inteiro, por assim dizer, é fruto do ativismo e da enorme quantidade de afazeres postos às crianças, bem como a seus pais. A falta de tempo para a ludicidade familiar tem tornado os lares mais confusos e mais replicantes da sociedade. Agitação incomum, impaciência, falta de respeito e conceitos desvirtuados dos padrões gerais familiares.

Ainda de acordo com Antunes (1999), nos fala que os jogos de estimulação musical são pautados por três linhas:

1. Ensinar a criança a “ouvir”: jogos estimuladores da percepção auditiva;
2. Explorar a sensibilidade e a percepção das diferenças entre timbres e ruídos: jogos estimuladores da discriminação de ruídos e sons; e,
3. Compreensão dos sons: progresso no domínio da estrutura rítmica.

Desta forma é desnecessário citar que a finalidade da musicalização não é, de forma alguma, transformar as crianças dessa faixa etária em músicos ou compositores. Mas nos cabe tentar transformá-las em bons ouvintes. Posteriormente estes alunos decidirão o seu segmento cultural; música, escrita, pintura entre outros.

Segundo Henri Wallon o estudo da criança não é meramente o entendimento psíquico, mas uma contribuição para sua educação. Em seus enfoques sobre domínio afetivo, cognitivo e motor, Wallon nos diz que o sujeito se constrói nas suas interações com o meio. Nos seus estudos é proposto uma atenção contextualizada das condutas infantis e para tal trouxemos a aplicabilidade de sua teoria para a sala de aula, oportunizando à criança experimentos com diversos meios sonoros.

Há um jogo musical, por exemplo, chamado **Bingo dos Sons**, são dispostos para os alunos vários instrumentos percussivos; caxixis, ganzás, tambores, chocalhos, apitos entre outros. Por trás de um biombo, ficam os mesmos instrumentos citados acima, longe de seu campo de visão. Então um a um são tocados e cada aluno em sua vez toca o instrumento a sua frente de acordo com o que ouviu. Igualando assim os sons (caxixi = caxixi, tambor = tambor...).

Isto exemplifica a teoria de Wallon sobre a interação com o meio. Dentro desta perspectiva Sugahara (2014), enfatiza e estimula o uso da música para crianças em seus diferentes estágios de idade.

“A música contribui para o desenvolvimento integral da criança nas suas dimensões afetiva, cognitiva, motora e social. Ela provoca sentimentos de bem-estar, organiza os movimentos, promove uma melhor interação, desenvolve a atenção e concentração. O repertório musical de escuta de uma pessoa é desenvolvido ao longo da sua vida, de acordo com o meio social em que está inserida e pelas experiências significativas que teve com a música ou a partir da música.”(coluna no Blog da Andi_18/02/2014)

Mesmo sabendo que a duração de cada aprendizado com cada criança e em cada estágio são apenas referências relativas e variáveis, pois dependem de características individuais e interdependem dos meios e condições para elas aplicadas.

Desde 2008, a iniciação ao aprendizado de música tornou-se obrigatória na disciplina de Artes em todas as escolas do País, fazendo com que esta forma de linguagem tornasse mais acessível a todos. Desta feita contribui e muito para o processo de escuta e assim aprimoramento cultural dos ouvintes.

A teoria psicogenética de Wallon (1994) nos fala ainda que este desenvolvimento intelectual envolve também corpo e emoções. Por isso na rotina educacional da educação infantil é tão pertinente o uso de teatro e interações deste tipo, atrelados a música. No contexto da educação infantil utiliza-se ainda a contação de histórias ou a rádio novela para firmar esta interação como metodologias importantes que atrelam várias linguagens no aprendizado musical.

Segundo Sugahara (2008), citando Henri Wallon, quando uma pessoa escuta uma música percebe as vibrações nela contida, sendo afetada organicamente por essas vibrações, ou seja, pela dimensão afetiva exteriorizada através da dimensão motora.

Desta forma percebemos que no universo musical as crianças têm interagido e até procurado melhorar suas audições musicais, logicamente introduzidos e conduzidos por ótimos professores, educadores e grupo surgidos a partir de 1994 quando da criação do Grupo Palavra Cantada. Embora nossa grande mídia faça um papel totalmente na contramão disso tudo, com programas infantis e músicas de extremo mau gosto. Assim sendo entendemos que muito mais pode ser feito pelo indivíduo isoladamente, mas crendo, sobretudo que se trabalharmos em grupo, cooperativamente é bem melhor. E bem mais proveitoso. Resta-nos agora um desafio, o de passarmos estes estudos para nossas crianças, pois precisamos aprender a ouvir.

Se por um momento pensássemos em todos os sons que existem, se parássemos e fechássemos os olhos e fizéssemos um profundo silêncio a fim de elencar os sons que estaríamos ouvindo naquele momento? O som de um passarinho, um carro, uma buzina, qualquer coisa audível que há tempo você não percebia e que só agora em total repouso pôde escutar?

Talvez, ser flexível para a prática do ouvir ou simplesmente gostar do que faz e rever sempre suas práticas, sejam conceitos óbvios demais, mas cabe uma reflexão de muita importância para um traçado verdadeiro no educar.

Um das características das crianças desta faixa etária é a percepção de

parâmetros sonoros sem ao menos saber identifica-los especificamente pelos nomes. Estas percepções dever ser desenvolvida inicialmente por meio de vivência ampla e corporal. Geralmente o primeiro elemento reconhecido é o timbre. É adequado iniciarmos através dos contrastes: forte/fraco (intensidade), grave/agudo (altura) e curto/longo (duração).

Neste mundo e neste meio de sons conflituosos a sociedade acaba privilegiando a visão e muito pouco estimula pertinentemente os demais. Outro aspecto relativo à audição é a diferença fisiológica entre ela e os demais sentidos:

“podemos fechar os olhos e deixar de respirar por alguns segundos, mas não podemos “fechar” os nossos ouvidos”.

Sendo assim percebemos que apesar da sociedade nos impor um problema, no âmbito geral, é sem dúvida na escola que a dificuldade se acentua, pois, toda carga diária de poluição sonora é jogada na impaciência e nas quatro paredes da sala de aula. Por isso requer que o professor se utilize de apoios áudio visuais, onde podem ser melhor observados pelas crianças.

Segundo Oliver Sacks (2014), um dos estudos, relata que crianças que frequentam aulas de música durante pelo menos dois anos revelam maior atividade cerebral nas áreas associadas às suas funções executivas — ou seja, os processos cognitivos que permitem aos seres humanos processar e reter informações, resolver problemas e regular comportamento.

Observando os dados colhidos em uma investigação na Northwestern University, para que a criança beneficie cognitivamente de música, não pode estar apenas sentada a ouvir, mas sim estar envolvida plenamente na música e participar ativamente na aula. Só através da criação ativa e manipulação de som é que poderá haver um desenvolvimento do processamento neural e a música poderá reprogramar o cérebro.

O que nos diz o estudo explorado pela psicóloga Raquel Carvalho (2015):

- Facilita a aquisição da linguagem e processo de alfabetização precoce, ganhando as habilidades de processamento fonológico e aptidões de compreensão, que são a base da leitura.
- Desenvolve as habilidades de raciocínio necessárias para a matemática e ciência.
- Desenvolve o raciocínio espaço-temporal
- Influencia as relações interpessoais, sendo uma forma de aproximação, comunicação e convívio social.
- Auxilia a regulação emocional, despertando sensações positivas e diminuindo os níveis de ansiedade e stress, promovendo uma sensação de relaxamento e menor tensão muscular.
- Melhoram habilidades motoras: dançando a música e tocando instrumentos simples, as crianças desenvolvem a coordenação motora.

- Promove a criatividade e potência a memória e a atenção, por exemplo, decorando letras e notas de músicas, ouvindo outros idiomas.

Bem mais que diversão, a música tem múltiplos benefícios, que se faz presente nos mais variados contextos onde interagem. O Filósofo americano Bennett Reimer (1970), entende que não podemos falar da natureza e do valor da educação musical sem que se toque no valor e na natureza da música. A área que lida com essa questão é a estética; portanto, a educação musical, para Reimer, deve ser uma educação estética.

Para tanto a que se observar uma necessidade contemplativa por parte do professor e vários momentos de estudos e contemplações musicais. Quantas vezes e por quanto tempo temos tido professores que “gastam” seu tempo em obras musicais junto a seus alunos? Quantos professores se encorajam a levar obras sinfônicas a seus alunos?

A sede de um pesquisador, a atração que ele tem pelo belo, pelo novo, não pode simplesmente ser absorvida, internalizada e guardada. Esta vivência, esta experiência e a forma como ele absorveu tudo aquilo, precisa ser lançado ao campo, precisa ir de encontro aos aprendizes, que são poços solicitando água, que expressam um profundo desejo de aprendizado.

A Estética, como fenômeno que remete a expressão do ser, traz a possibilidade do trabalho com linguagens diversas como a linguagem plástica, a linguagem musical, a linguagem corporal e o jogo dramático (gênese da linguagem teatral). Essas linguagens artísticas traduzem com base nas expressões individuais e coletivas das crianças um processo motivador, simbólico e lúdico. A linguagem como elemento central na educação estética e lúdica da criança e do educador inspiram a investigação dessa tese como elemento elucidante para novos paradigmas para a educação de crianças

A criança por ser curiosa e sem preconceitos adora explorar sons de diferentes materiais objetos e de diversos instrumentos. Esta criança também acha prazer no bater de painéis – que tanto nos irrita, e no abrir e fechar de uma gaveta.

Pensando desta forma, cabe a nós elencar e distribuir o melhor material didático possível, um material de encantamento para as crianças. Podemos incluir no nosso planejamento procedimentos muitas vezes simples, porém transformadoras. Nesse processo a criança socializa-se melhor, interage mais e participa ativamente das aulas de música.

A aplicabilidade para o sucesso do processo, ou pelo menos para que o início deste evento seja aprendido e mais à frente minimamente absorvido, dar-se, também na escolha do material e sua demonstração. Como já falamos anteriormente nos jogos lúdicos musicais.

Tecemos abaixo algumas obras e referências que pautam nossos estudos e nossas pesquisas:

a. Cantigas de Roda

Cantigas de roda ou cirandas são brincadeiras infantis, onde as crianças formam uma roda de mãos dadas e cantam melodias folclóricas, podendo executar ou não coreografias acerca da letra da música. É uma grande expressão folclórica e, acredita-se que pode ter origem em músicas modificadas de um autor popular ou nascido anonimamente na população.

São exemplos: Roda Pião, O Cravo brigou com a Rosa, Alecrim Dourado, Peixe Vivo; dentre outras.

As cantigas de roda também têm suas especificidades no regionalismo. Como no projeto cultural realizado pelo grupo Palavra Cantada (1994), intitulado Canções do Brasil; que traz cantigas de roda específicas de regiões pouco conhecidas do País.

b. Parlendas

As parlendas são versinhos com temática infantil que são recitados em brincadeiras de crianças. São usadas por adultos também para embalar, entreter e distrair as crianças. Possuem uma rima fácil e, por isso, são populares entre elas. Muitas parlendas são usadas em jogos para melhorar o relacionamento entre os participantes ou apenas por diversão. Muitas parlendas são antigas e, algumas delas, foram criadas, há décadas.

Quem nunca brincou com estas parlendas:

Um, dois... feijão com arroz / Três, quatro... feijão no prato / Cinco, seis... chegou a minha vez / Sete, oito... vou comer biscoito / Nove, dez... comer pastéis.

Um elefante incomoda muita gente, dois elefantes incomodam, incomodam, muito mais (...)

c. Grupo Palavra Cantada (1994)

Formado a partir de uma conversa sobre um disco de ninar, “meio que sem querer”, como afirmam seus criadores, Paulo Tatit e Sandra Peres (1994), o Palavra Cantada encanta crianças no Brasil inteiro com projetos coloridos, shows participativos e canções de fácil aprendizado. Suas canções mais conhecidas são: A Sopa, O Rato e Ora Bolas.

d. A Turma do Cocoricó (1996)

Um programa criado por Fernando Gomes e exibido pela TV Cultura durante muitos anos. Tinha nas composições de Hélio Ziskind (1955) o ponto forte do programa, onde Júlio – um garoto da cidade, visita seus avós na fazenda e por lá fica apaixonado. Alguém já se imaginou fazendo música com galinhas, galos, cavalos e outros animais?

Esperamos que a discussão seja contributiva para a descoberta de soluções das práticas de uma disciplina que está atrelada a tantas outras. Este é um dos objetivos deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a musicalização no contexto da educação infantil une vários elementos no desenvolvimento e nas diversas aprendizagens nesse nível de ensino como linguagem, brinquedo e a estética relacionados às práticas curriculares de formação da criança. As práticas musicais preconizadas pela relação com o brinquedo e do conhecimento estético envolvem o modo de funcionamento da cultura das crianças e suas experiências que trazem um discurso indicador dos desejos e multiplicidades da sua identidade cultural.

Para entender a relação e a importância da música no currículo da educação infantil é necessária a compreensão das diretrizes que contemplam o brincar e a arte, em seus saberes de experiências estéticas, pois como apontam as DCNEIS, um dos princípios que regem a prática pedagógica na educação infantil é o princípio estético.

A estética também é um elemento essencial na formação das crianças e a musicalização está nessa construção. A música é um elemento estético na medida em que a criança utiliza-se da linguagem sonora como instrumento expressivo de comunicação de ideias e sentimentos. Além dos jogos e brinquedos serem impregnados de uma formatação que chamam a atenção das crianças pela aproximação com sua cultura infantil.

Portanto consideramos a musicalização no contexto da educação infantil como uma ampliação cultural, estética e intelectual, além de outras dimensões. A música é uma linguagem que vai construindo a partir de uma identidade cultural e lúdica uma personalidade cultural, que pretendemos se contrapor a cultura de massa, consumista e estéril. Musicalizar na educação infantil é estar alinhado com as demandas curriculares oficiais que preconizam as múltiplas linguagens na educação infantil e a música além de ser uma importante forma de conhecimento, expressão e apreciação estética também tem uma dimensão de formar cidadãos com uma cultura mais significativa e esteticamente transformadora das subjetividades humanas.

REFERÊNCIAS

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PIZZANI, Luciana. Artigo. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, 2012

GARDNER, Howard. Livro. Inteligências Múltiplas: A Teoria na Prática. Ed. Artmed, 1995. 2 ed.

GARDNER, Howard. Livro. Estruturas da Mente. Ed. Artmed, 1983.

SCHAFER, R. Murray. A Sound Education: 100 Exercises in Listening and Sound. ed. 1, Making 1992.

TRENCH, Marisa. Livro. Educação Sonora. Tradução de “A Sound Education”. ed 3, Melhoramentos 2011.

BARBOSA, Maria Carmen. Projeto. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Brasília, 2010

ANTUNES, Celso. Livro. Jogos para a Estimulação das Múltiplas Inteligências. Ed. Vozes. Petrópolis. 1999

SUGAHARA, Leila Yuri. Coluna_Blog. O Papel da Música na Formação Escolar da Criança. Doutora e mestre em Educação: Psicologia da Educação pela PUC-SP

SUGAHARA, Leila Yuri. Mestrado_Tese. Música na Escola: um estudo a partir da psicogenética walloniana. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo 2008

SUGAHARA, Leila Yuri. Dissertação. Música na escola: um estudo a partir da psicogenética walloniana. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

SACKS, Oliver. Livro. Alucinações Musicais: relatos sobre a música e o cérebro. Companhia das Letras, 2007.

CARVALHO, Raquel. Psicóloga Clínica. Oficina de Psicologia. Artigo. O Nosso T2; Caras (revista) Blog. Como a música afeta o cérebro das crianças?

REIMER, Benett. Educação musical como Educação estética. Revista Eletrônica de Musicologia – Vol. XII., 2009

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-477-1

